

OS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL - CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

Simone Beatriz Reckziegel Henckes ¹
Jacqueline Silva da Silva ²
Andreia Aparecida Guimarães Strohschoen ³

INTRODUÇÃO

No contexto educacional percebe-se que cada vez mais se faz necessário buscar por metodologias e estratégias pedagógicas que auxiliem no dia a dia do professor. A sociedade vem passando por constantes processos de mudanças, como por exemplo: a moda, a economia, as tecnologias, e neste sentido os processos de ensino não podem ficar “parados”, é preciso haver movimentos significantes. Muitas escolas ainda apresentam características das décadas passadas: aulas muito tradicionais, descontextualizadas e com viés na memorização dos conteúdos. Para as escolas conseguirem se movimentar é preciso ter objetivos claros, planejamentos bem elaborados, políticas que se comprometam com os processos, metodologias ativas, atividades em espaços não formais (ENF), conforme descritos por Santos e Térán (2013), entre outras estratégias.

O presente estudo integra a pesquisa intitulada: “Princípio da Investigação e Pedagogia Empreendedora” vinculada aos programas de pós-graduação Doutorado e Mestrado em Ensino e Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas de uma Universidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa conta com a participação de docentes da Universidade, doutorandos, mestrandos, alunos de Iniciação Científica e professores voluntários da escola participante. Neste sentido, a presente proposta investigativa, que é um recorte da pesquisa citada, surge com a intenção de problematizar como os professores e alunos das turmas de Educação Infantil de uma escola do interior do Estado do Rio Grande do Sul, têm percebido e utilizado os ENF de ensino disponíveis.

METODOLOGIA

Participam desta investigação, apresentada neste estudo, duas professoras da Educação Infantil (Professora 1 e Professora 2), uma da turma do berçário e a outra da pré escola. A escola onde ocorre a pesquisa localiza-se no município de Lajeado/RS e os dados estão ainda sendo coletados e analisados. Anuência da Secretaria Municipal de Educação, as professoras assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aceitando participar desta pesquisa. Os pais/responsáveis pelos alunos das turmas participantes também foram informados do estudo e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), permitindo que os pesquisadores realizassem as observações das atividades desenvolvidas pelas professoras com os alunos.

¹ Bióloga, Mestre em Ensino e Doutoranda em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari – Univates, simone.henckes@univates.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Docente no Programa de Pós-graduação Mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates, jacque@univates.br

³ Doutora em Ciências, Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, docente nos Programas de Pós-graduação Doutorado e Mestrado em Ensino e Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas da Universidade do Vale do Taquari – Univates, aguim@univates.br

O estudo trata de uma pesquisa qualitativa, pois prioriza a qualidade dos dados a serem analisado e que segundo Fazenda, Tavares e Godoy (2015) o pesquisador confronta-se não somente com o que ele vê, permite pensar sobre o pensar, colocando o que percebe em um contexto significativo. Caracteriza-se como exploratória, buscando as informações diretamente com a população pesquisada e de acordo com Gil (2010, p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as [que] apresentam menor rigidez no planejamento.

As informações estão sendo coletadas através de entrevista semiestruturada com perguntas abertas como por exemplo: “O que sabes sobre ENF?”; “ Você já fez alguma atividade com seus alunos em que utilizou ENF de ensino e de aprendizagem?” “ Em caso afirmativo, descreva como foram estas atividades”, entre outras questões que estão em análise. Com estas e outras perguntas pretendeu-se conhecer e analisar as concepções, motivações e dificuldades dos docentes sobre os ENF. A entrevista durou aproximadamente 50 minutos e utilizou-se um gravador para abranger todos os detalhes das narrativas. As entrevistas estão em fase de análise.

Além das entrevistas estão sendo realizadas observações de diferentes momentos das aulas, onde as professoras avisam com antecedência os pesquisadores sobre a ocorrência de atividades com os alunos em ENF. Os pesquisadores deslocam-se juntamente com as turmas de alunos e realiza as observações, sendo tudo descrito e comentado no Diário de Campo dos pesquisadores. Esta etapa também encontra-se em andamento.

Para a análise dos instrumentos utilizados neste estudo, optou-se pela Análise de Conteúdo, que corresponde à metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e de indicadores que fundamentam à interpretação final (BARDIN, 2012). Destaca-se que os instrumentos nos auxiliarão na busca de informações sobre os alunos e os professores e suas percepções em relação aos espaços não formais de ensino.

DESENVOLVIMENTO

Os processos do ensino e da aprendizagem se constroem na prática social coletiva, que gera participação e envolvimento do grupo, como destaca Gohn (2014, p. 02) “a aprendizagem não é gerada em estruturas formais de ensino escolar, mas sim no campo da educação não formal”. Destaca também à aprendizagem em ambiente não formal “implica em participar do amplo debate epistemológico sobre a produção de conhecimento no mundo contemporâneo” (GOHN, 2014, p. 02). Além do professor que ensina, os familiares, os amigos, os colegas de trabalhos, os vizinhos, os atores dos filmes e das novelas, também são considerados educadores, onde um aprende com o outro (VARCELLI, 2014). Entende-se que cada pessoa está sujeita a aprendizagem em espaços diferentes, de maneiras diferentes e principalmente com várias pessoas, enriquecendo este processo.

Destaca-se que a presente pesquisa considera os ENF como lugares de construção de conhecimento, sendo externos e não pertencentes ao estabelecimento reconhecido de ensino (JACOBUCCI, 2008) . Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, aprender está relacionado a adquirir conhecimento a partir de estudos, trocas, convivências e ensinar repassar ensinamentos sobre um contexto. Entende-se como um complemento significativo no processo, isto significa que em todos os espaços podem ocorrer interações sociais e discutidos questões locais, desconstruindo com a ideia de que é apenas dentro das instituições de ensino que ocorrer estes momentos. Segundo Marandino (2000), os ENF têm assumido cada vez mais a função

educativa como parte essencial de suas atividades, principalmente, a partir do movimento de alfabetização científica e tecnológica da população.

Os ENF são classificados em institucionalizados, aqueles que dispõem de planejamento, estrutura física, além de monitores preparados para a prática educativa dentro deste espaço. Os espaços não institucionalizados são aqueles que não dispõem de uma estrutura preparada para este fim, mas, quando as atividades são bem planejadas pelo professor, este espaço pode se tornar educativo e de construção científica (JACOBUCCI, 2008). Observa-se que os ENF, fornecem uma alternativa a mais aos professores pensarem e desenvolverem suas aulas, pois é atrativo aos alunos, podendo ser um espaço para trabalhar diferentes temas atuais, torna-se imprescindível o ensino bem contextualizado com a realidade dos alunos.

Neste sentido, a presente proposta investigativa surge com a intenção de problematizar como os professores e alunos das turmas de Educação Infantil de duas escolas do interior do Estado do Rio Grande do Sul, têm percebido e utilizado os ENF de ensino disponíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos até o presente momento, lembrando que o estudo ainda encontra-se em andamento, apresentam que as duas professoras, participantes do estudo, não possuem conhecimento conceitual sobre a definição de ENF de ensino. Durante a entrevista as professoras responderam que os ENF são por si só, lugares que instigam a curiosidade dos alunos, em geral gostam de atividades que são desenvolvidas em outros ambientes fora da escola e quando trabalhado desde a Educação Infantil pode possibilitar um desenvolvimento maior da criança, como sugere Almeida e Terán (2013, p. 06) “...passará a ver a(s) Ciência(s) além da pedante memorização de conceitos e significados e a verá como uma linguagem usada por homens e mulheres para entender o mundo que os cercam”.

Sobre as concepções apresentadas em relação aos ENF, as duas professoras relatam:

“Eu entendo sobre espaço não formal todo espaço que tu trabalhar fora de sala de aula, como na brinquedoteca, mas aqui a gente faz muitas situações com espaços não formais, ano passado eu fiz um trabalho em que fomos a biblioteca pública municipal, então fomos conhecer um pouquinho da história, observamos os livros, conversamos com a bibliotecária, fizemos a visita completa...” (Professora 1).

“... a gente basicamente explora dentro da escola..., os pequeninhos procuram ficar com a gente, eles ainda choram, então a gente procura colocar eles com potinhos, com tudo que eles precisam e gostam de brincar e nós ficamos por perto” (Professora 2).

Nas falas, nota-se que conhecem o que são os ENF, no entanto identificam as dificuldades em levar seus alunos. A professora 1, salienta que utilizam a brinquedoteca, mas logo em seguida comenta que fazem saídas para ENF, como a biblioteca pública da cidade. A professora 2 já esclarece que como trabalha com os bem pequenos, só exploram dentro da escola. Isto ocorre pelas dificuldades em sair com os alunos da escola:

“Eu acho que o nosso maior empecilho, na Educação Infantil, é complicado se quer ir um pouco mais longe, mas com uma turma tão grande, por questão de segurança teria que ter mais uma ou duas pessoas contigo e nós não temos. A nossa realidade é essa, nós temos que ir nos ajudando, um ajuda aqui, um ajuda ali, por que não tem... o bom seria ter mais de uma pessoa em cada turma... (Professora 1).

Nesta fala, observa-se as dificuldades encontradas pelos profissionais da Educação Infantil, sair com crianças muito pequenas. Ela ainda destaca a quantidade de crianças para um professor, sendo preciso mais pessoas para auxiliar. Esta professora relata saber que:

“é importante, oferecer as atividades em outros lugares, como no pátio da escola, outras salas, laboratórios, biblioteca ou brinquedoteca, e até mesmo locais fora da escola, pois como os alunos são curiosos, explorando outros lugares vão se desafiando e conhecendo situações diferentes (Professora 1).

Na dissertação de Véra (2017), que realizou sua investigação com professores da Educação Infantil sobre as práticas pedagógicas voltadas à Ciência, a autora comenta que durante as entrevistas notou que os professores utilizam praticamente a escola como espaço para o ensino e seus resultados tiveram aproximações com esta pesquisa. Porém, mesmo que há uma variedade de motivos para explorar somente as dependências da escola, é interessante explorar outros ambientes, como áreas verde, próximas à escola, elementos da natureza, reutilização de materiais, entre outros ambientes.

Nesta etapa da pesquisa estão correndo as observações das atividades desenvolvidas pelas professoras com os alunos da Educação Infantil, sendo que nos momentos das observações os pesquisadores estão conhecendo as percepções dos alunos e estão relatando as mesmas de forma bem detalhada no Diário de Campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo provocou nas professoras participantes do estudo uma nova possibilidade de espaço para suas aulas, os ENF de ensino. Estes não podem ser encarados como passeios de estudos, mas sim, saídas com metas a serem alcançadas, permitindo que os estudantes conheçam animais, plantas e suas relações em situações reais, e não apenas através de gravuras de livros, revistas e jornais. Além de outras habilidades e competências importantes para o desenvolvimento da cidadania destes alunos.

O presente estudo encontra-se em andamento e espera-se obter mais inferências sobre como os professores e alunos das turmas de Educação Infantil de duas escolas do interior do Estado do Rio Grande do Sul, têm percebido e utilizado os ENF de ensino disponíveis.

Palavras-chave: Investigação; Percepções; Prática Docente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. R. S. TERÁN A. F. A. **Alfabetização Científica na Educação Infantil:** possibilidades de integração. Conferência da Associação Latinoamericana de Investigação em Educação em Ciências. Manaus-AM, Brasil, 2013.
- BARDIN, L. B. **Análise de conteúdo.** SP Portugal: Edições 70, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- FAZENDA, I. C. A.; TAVARES, D.; GODOY, H. P. **Interdisciplinaridade na pesquisa científica.** São Paulo: Papirus, 2015.
- GHON, M. G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Revista Investigar em Educação.** II^a Série, n. 1, 2014.
- JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão.** Uberlândia, v. 7, p. 55-66, 2008.
- MARANDINO, M. **Museu e escola:** parceiros na educação científica do cidadão. *In:* CANDAU, V. M. (Org.). Reinventar a escola. 3. ed. Petrópolis, p. 189-219. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SANTOS, S.C.S.; TÉRAN, A.F. O uso da expressão espaços não formais no ensino de Ciências. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**. v.6, n.11, p.1-15, 2013.

VARCELLI, L. C. A. Espaço educativo não formal: o núcleo da prática jurídica em pauta. **Revista da Faculdade de Educação**. v. 12, a. 12, n. 01, p. 67-82, jan./jun. 2014. Disponível em: < http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_21/artigo_21/67_82.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2018.

VÉRA, A. F. **Ciências da natureza na educação infantil**: um estudo sobre a prática docente. 2017. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 25 de ago. 2017.